

OFICINAS DE ENSINO DE HISTÓRIA: ABORDAGENS CRÍTICAS E DECOLONIAIS NO 9º ANO DA ESCOLA OSVALDO CRUZ

JONAS GARIBALDI DE SOUZA¹; ARTHUR MARTINS TAVARES²
VANESSA DOS SANTOS LEMOS³
MAURO DILLMANN TAVARES⁴:

¹Universidade Federal de Pelotas – jonasgaribaldidesouza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – arthurxavante@gmail.com

³EMEF Osvaldo Cruz – nessa.historia82@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – maurodillmann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o relato de três oficinas realizadas pelos bolsistas Arthur Martins Tavares e Jonas Garibaldi de Souza (no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), área de História, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)) com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Osvaldo Cruz. (Esta turma conta com dois discentes em processo de alfabetização). As atividades foram pensadas com base em perspectivas críticas e decoloniais no Ensino de História, buscando proporcionar reflexões que problematizem a visão tradicional e eurocêntrica da história. Partindo da proposta de uma “história vista de baixo” (MORGADO et al., 2022) e da teoria da decolonialidade como questionadora das estruturas do saber hegemônico (SANTOS, 2020; CORREIA, 2021), as oficinas buscaram valorizar o protagonismo de sujeitos históricos marginalizados e suas formas de resistência.

As atividades abordaram três temas históricos centrais: as Revoltas Regenciais, a Guerra do Paraguai e o Positivismo e suas influências no Brasil. Cada tema foi desenvolvido em dois períodos de aula, combinando exposições teóricas com práticas participativas, como jogos e produção de jornais, a fim de estimular o pensamento crítico e o engajamento dos alunos.

A relevância do trabalho está na formação docente pela experiência em sala de aula e na contribuição para um ensino de história que valorize diferentes epistemologias e olhares sobre o passado, conforme propõem autores como Gramsci (MORAES, 2010), Edward Thompson (MORGADO et al., 2022) e os teóricos da modernidade/colonialidade (CORREIA, 2021).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As oficinas foram organizadas em três temáticas e estruturadas em dois períodos consecutivos cada.

a) Revoltas Regenciais: No primeiro período, foi realizada uma apresentação expositiva sobre as revoltas: Cabanagem, Sabinada, Revolta dos Malês e Revolução Farroupilha. Buscou-se relacionar as revoltas com o período colonial anteriormente estudado, destacando seus aspectos antiescravagistas e classistas, principalmente a Revolta dos Malês. No segundo período, os alunos participaram de um quiz com cinco questões de múltipla escolha, cada uma com apenas uma alternativa correta. A atividade foi dividida em dois grupos (Grupo A e Grupo B), que se revezavam: um grupo lia a pergunta em voz alta para o outro, que tentava

responder. Depois, invertiam os papéis, garantindo que todos tivessem a chance de ler e responder as perguntas. A abordagem inspirou-se na proposta de valorizar narrativas históricas dissidentes e contra hegemônicas (MORAES, 2010; SANTOS, 2020).

No segundo período, aplicou-se um jogo de perguntas e respostas entre dois grupos. Pontuava a equipe que acertasse a questão, previamente elaborada pelos bolsistas. A dinâmica foi pensada para consolidar os conhecimentos adquiridos de forma colaborativa, estimulando o debate e o trabalho em equipe.

b) Guerra do Paraguai: No primeiro período, os pibidianos contextualizaram o conflito, suas causas, consequências e as diferentes perspectivas dos países envolvidos (Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina). A análise privilegiou os impactos sociais, especialmente sobre a população paraguaia, conforme propõe a “história vista de baixo” (MORGADO et al., 2022).

No segundo período, os alunos foram divididos em grupos e cada grupo ficou responsável por elaborar um jornal propagandístico, defendendo o ponto de vista de um dos países. Este tipo de produção exige do estudante a apropriação do objeto do conhecimento para criar seu próprio texto. Desenvolvendo, portanto, as habilidades que constam na BNCC, como “identificar as questões internas e externas sobre a atuação do Brasil na Guerra do Paraguai e discutir diferentes versões sobre o conflito”. Na aula seguinte, os grupos apresentaram suas produções, promovendo o exercício de empatia histórica e leitura crítica dos discursos políticos da época (CORREIA, 2021).

c) Positivismo e suas influências no Brasil: Nesta oficina foi abordada a origem do Positivismo e sua influência na formação do Estado brasileiro, sobretudo na educação, no exército e na simbologia nacional, como o lema da bandeira. Os pibidianos promoveram uma reflexão sobre como a ideia de “ordem e progresso” permanece presente nas estruturas sociais atuais. A discussão foi atravessada pelas ideias de hegemonia e consenso conforme Gramsci (MORAES, 2010), demonstrando como determinados valores são naturalizados através da educação. Propôs-se aos estudantes que pesquisassem notícias em sites e as relacionassem os textos jornalísticos com o debate realizado em sala. Embora alguns não tenham entregue, o exercício levou-os a perceber o quanto os elementos do Positivismo estão presentes no nosso cotidiano.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas possibilitaram a vivência de uma prática docente articulada com teorias críticas e decoloniais, promovendo um ensino de história mais inclusivo, reflexivo e conectado à realidade social dos estudantes. Os resultados apontam para a eficácia das metodologias ativas na aprendizagem histórica, assim como a importância de propor conteúdos que desafiem o eurocentrismo e promovam a escuta de sujeitos historicamente silenciados (SANTOS, 2020; CORREIA, 2021).

A experiência também revelou desafios, como o tempo limitado para aprofundamento dos temas e a necessidade de maior apoio didático. Contudo, a interação com os alunos e a troca de saberes mostraram-se extremamente enriquecedoras para a formação docente.

Sugere-se que futuras oficinas possam incluir recursos multimodais (imagens, áudios, vídeos) e discussões mais aprofundadas sobre as resistências culturais nas narrativas históricas, ampliando a perspectiva crítica do ensino de História.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Online. Acessado em 12 ago. 2025. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

CORREIA, F. A decolonialidade na história: uma análise sobre as apropriações decoloniais no ensino de história dos anos 2000 até os dias atuais.

REPOSITÓRIO DE ANAIS DA ANPUH-GO, [S. I.], p. 479/492, 2022. Disponível em: <https://anpuhgoias.com.br/periodicos/index.php/caliandra/article/view/60>. Acesso em: 15 ago. 2025.

MORAES, D. de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, 2010.

MORGADO, T. A. B.; NUNES, A. C. S.; MIGUEL, M. E. B. A história vista de baixo e as resistências nas instituições educativas. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 4668-4675, jan. 2022.

SANTOS, Silmária Reis dos. Pensamento decolonial e ensino de história: encontros possíveis. *Anais do Encontro Estadual de História da ANPUH-BA*, 2022. Disponível em: https://www.encontro2022.bahia.anpuh.org/resources/anais/15/anpuh-ba-eeh2022/1661285417_ARQUIVO_b0de52f3eae643f58c8d7e12c5714060.pdf. Acesso em: 17 ago. 2025..